

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O ROMÂNICO NO CONCELHO DE GUIMARÃES. II IGREJA DE S. MIGUEL DO CASTELO.

PINA, Luís de

Ano: 1927 | Número: 37

Como citar este documento:

PINA, Luís de, O Românico no concelho de Guimarães. II Igreja de S. Miguel do Castelo. *Revista de Guimarães*, 37 (4) Out.-Dez. 1927, p. 282-286.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O Românico no concelho de Guimarães

II

A igreja de S. Miguel do Castelo

(Continuado da página 141)

Para melhor textura dêste artigo, antes de referir-me pròpriamente à história desta velhinha igreja — história que congregará as diversas e já conhecidas críticas ao monumento, assim como a minha muito desapaixonada opinião — tentarei apresentar agora a sua traça architectónica, quer geral, quer em detalhes precisos, que julgo sempre importantes. A melhor descrição, e mais completa, que dêste templozinho conheço, é devida a Albano Belino ⁽¹⁾, bom observador e arqueólogo probo, a quem a morte depressa levou e ao qual presto homenagens sinceras.

Em cêrca de dez páginas, fala-nos da modesta igreja, interessando-se todavia mais com sua história, do que, pròpriamente, com sua architectura.

Sem pretender cair em aborrecida e impertinente repetição, vou, no entanto, apresentar a igreja tal como hoje se encontra. Ela é, como quási tôdas as rústicas e pobres igrejas destas paragens, composta de duas partes rectangulares em seguimento: corpo e altar-mor. A sua altura é pequena; a silharia, de grosseiro granito, bem castigado das afrontas do

(1) «Arqueologia Cristã». 1900.

tempo: — pedras rectangulares, de juntas hoje tomadas a cal e cimento.

O que nos impressiona imediatamente, olhando a sua pesada frontaria, é o campanário, alheio ao estilo, a rematar a cimafrente; campanário banal, tendo ao alto, de remate, uma cruz de pedra trilobada, que apresento na fig. XXX. Além do campanário, atrás os olhos quatro repisas, em linha tôdas, a meio da altura da fachada.

Nas faces esquerda e direita do corpo da igreja, existem também modilhões, a meio da altura das paredes, não recurvados como as repisas da fachada, parecendo-me terem servido a outra alpendrada, continuação da que suportavam as repisas da fachada; seria uma alpendrada corrida pelas três faces, anterior e laterais, da igreja de S. Miguel. Sob essa alpendrada é que se reuniam, para darem audiência, os juizes da vila do Castelo; da mesma forma se reuniam cá em baixo, sob a galilé de Santa Maria, os juizes da vila baixa ou da Senhora da Oliveira, isto é, os da parte mais moderna da vila de Guimarães (1).

Essa alpendrada, julgo-a posterior à fundação da igreja, porquanto as repisas da fachada estão colocadas quasi a meia altura das arquivoltas do pórtico. A alpendrada, dessa forma sustentada pelas repisas, encobriria parte do fecho do pórtico, o que seria inestético e inaceitável pelo architecto do monumento, o seu primeiro architecto, ainda que rude e pouco artístico. A alpendrada seria construída mais tarde, por desconhecidas razões, sendo certo que já existia no século XIV, por prova que adiante apresento.

Albano Belino dá-a presumivelmente construída no século XVII, e como que fazendo parte dum claustro pertencente aos frades capuchos da Piedade, que officiavam, por empréstimo, na dita igreja. Encontro esta opinião insegura, pois que está provado existir uma alpendrada, e assim ser referida — e não como

(1) Carta régia em 20 de Setembro de 1369 (Arq. Nac. Chancelaria de D. Fernando, livro I, fl. 63). Vem citada pelo Dr. João de Meira em «O Concelho de Guimarães», Tese de doutoramento. 1907.

claustro — na mencionada carta do rei D. Fernando (vide a nota da pág. 183). Dêsse pretenso claustro não acho memória escrita ou oral, e não iriam os pobres frades, nos quatro anos que viveram (?) ali na humilde igreja, esperando a construção do seu convento (1664 a 1668), dispender dinheiro em tal obra que depois não poderiam levar consigo. Mas, melhor que qualquer prova de raciocínio, lá está a insuspeita carta fernandina. As quatro repisas da fachada dessa alpendrada são semelhantes às doutras igrejas, como, para não ir a outra parte, as da fachada da igreja do Espírito Santo, de Moreira ⁽¹⁾.

Entre o campanário e o fecho do pórtico rasga-se uma estreita fenda, parte externa de fresta interior de arregace; a esta se assemelham as outras seis frestas da igreja.

Deve notar-se ainda a irregularidade dos silhares da fachada e a das suas linhas de união horizontais, discordantes, em certos pontos, na direcção.

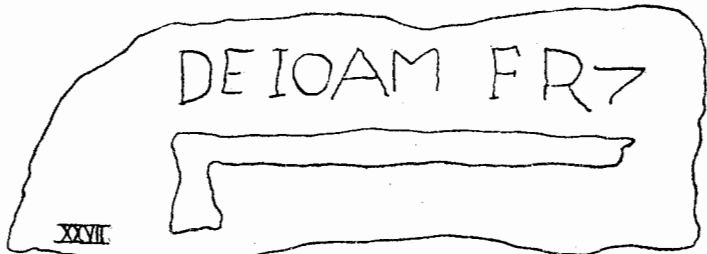
Da fachada, resta falar no pórtico. Esta parte do monumento parece-me bem ter já sofrido mutilações ou desvios, quer dos homens, quer dos tempos. Nota-se logo a ausência de tímpano de pedra; em seu lugar existe um de madeira, em almofadas, obra moderna, assim como as portadas. Se existiu tímpano ou não, desconhece-se. É natural que existisse, porque nos pilares há saliências e friso de suposta sustentação, e porque o arco primeiro ou inferior se me não afigura ser o primitivo e portanto ter havido uma derrocada, por exemplo, do dito arco e com êle o supôsto tímpano. Claramente que isto não passa de hipótese e pessoal maneira de ver, como é certo também noutras igrejas haver pórticos com arcos semelhantes a êste actual, de lisas aduelas de esquadria, sem relêvo algum, nem simples insculturas.

O arco superior é tôscamente lavrado, dando a união das aduelas ângulos suficientes para lhe quebrar as curvas. O motivo lavrado é o que representa a fig. XXXIII. Assentam os arcos sôbre lisos pilares,

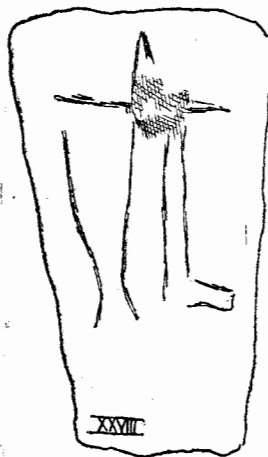
(1) «Igrejas e Capelas Românicas da Ribeira Lima», por P.^e Aguiar Barreiros. 1926. Ed. de Marques Abreu.



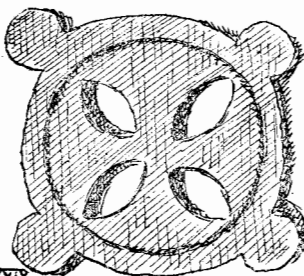
XXVI



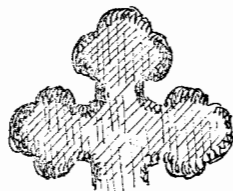
XXVII



XXVIII



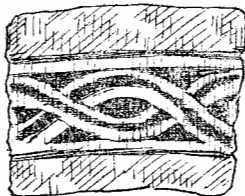
XXIX



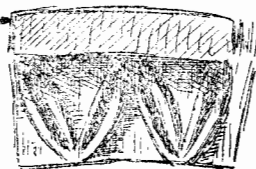
XXX



XXXI



XXXII



XXXIII

dos quais um, mais interno e posterior, não denuncia utilidade alguma, a não ser o de sustentação do tímpano, que acima referi; êsse pilar, em forma de esteio, parece-me ser a prova da existência dêsse supôsto tímpano. Não será grande ousadia afirmá-lo.

Ambos os arcos são quebrados, mais o inferior que o superior; neste, o ângulo formado na sua parte mais culminante, é devido um pouco à irregularidade da aduela e friso-limite; tal aduela, a ser como a homóloga ou par, daria a essa curva mais extensa do arco uma forma quási de semi-circunferência e portanto também quási em curva de pleno centro. No entanto, nota-se-lhe uma tendência para a ogiva, o que a Belino não agrada, visto isso não estar de acôrdo com o estilo romano-bizantino (século X) em que colocou a igreja, repudiando assim a opinião de Vilhena Barbosa que lhe marca, salvo êrro, o século XII.

Por outros críticos, creio que todos, está dado o monumento como românico (J. de Vasconcelos, Manuel Monteiro, etc.). Basta compará-lo, no geral e nos detalhes, ao da Correlhã,, de Bravães, Rates, etc., para ser posta de parte a ideia duma construção romano-bizantina.

Adiante voltarei a êste assunto, para agora seguir com método a descrição prometida da arquitectura de S. Miguel do Castelo.

(Continua).

LUÍS DE PINA.

A PÁG. 141, ONDE SE LÊ:

«— a igreja de S. Miguel do Castelo não existia quando D. Henrique entrou no seu condado, portanto não é anterior ao século XI, ou é-o, se foi construída nos restantes cinco anos do século e primeiros do govêrno do Conde, »;

DEVE LER-SE:

«— a igreja de S. Miguel do Castelo não existia quando D. Henrique entrou no seu condado, portanto não é anterior ao século XI, ou é dêste século se foi construída nos seus últimos 5 anos, que foram os primeiros do govêrno do Conde, ».